

SETE ALÉM

O PRIMEIRO CONTATO



LUCIANO MILICI

VEJA TAMBÉM ESTE RELATO

 YOUTUBE (EM VÍDEO)



 SPOTIFY (FREQUÊNCIA SETEALÉM)







 DOWNLOAD



AJUDE A ESPALHAR A PALAVRA
COMPARTILHE ESTE ARQUIVO

SETEALÉM

A GENTE TROUXE O HORROR DE VOLTA

WWW.SETEALEM.COM.BR

O conteúdo presente nesta publicação incluindo, mas não se limitando a relatos, histórias, contos, argumentos, poesias, desenhos, conceitos, ideias, personagens, locais e etc são de inteira responsabilidade e direitos de Luciano Milici e/ou dos relatantes. Nenhum conteúdo desta revista pode ser copiado ou reproduzido integral ou parcialmente por quaisquer mídias existentes, pré-existentes ou futuras sem autorização por escrita de Luciano Milici.

As marcas Setealém®, Se7ealém®, 7 Além® e Sete Além®, seus conceitos, personagens e universo expandido tem os direitos autorais protegidos e resguardados a Luciano Milici, não podendo ser utilizados sem autorização prévia e por escrito do autor. É expressamente vedado o uso para quaisquer meios literários (de qualquer gênero, tamanho ou finalidade), musicais, artísticos, Filmes (de qualquer metragem), Séries, Mini-séries, Web-Séries, HQs, Games, Jogos de Tabuleiro, Grupos Artísticos ou Musicais, Empresas, Brinquedos, Produtos Licenciados, Novelas, Produtos Audiovisuais, Eletrônicos, Impressos, Digitais, Utilizando ou não inteligência artificial, ficcionais ou não. Se você encontrar algum tipo de venda ou distribuição irregular, DENUNCIE.

Os relatos constantes nessa publicação foram autorizados exclusivamente para o uso de Luciano Milici. Qualquer semelhança com qualquer acontecimento ou nome citado é mera coincidência.



www.setealem.com.br

O texto abaixo é a transcrição de um vídeo. O conteúdo foi falado de improviso, sem roteiro e, por isso, está longe de ser algo literariamente perfeito. Leia sentindo que eu estou falando para você...

O ano era 1994. Os filmes do ano eram ótimos. O Sombra, Um Sonho de Liberdade, Street Fighter, Lobo com Jack Nicholson, Entrevista com Vampiro, Dom Juan de Marco, Pulp Fiction, Três Formas de Amar, Quatro Casamentos e um Funeral, Assassinos por Natureza, Meu Primeiro Amor, O Balconista, Forrest Gump, Debi e Lóide, Ace Ventura, Os Flintstones, Os Batutinhas, Um Tira da Pesada 3, Rei Leão, entre outros.

A gente via esses filmes em videolocadoras ou no cinema, geralmente no cinema, porque havia um atraso nas locadoras e na TV aberta. O Skank, naquela época, estava lançando o álbum Calango, com músicas como Jack Tequila e É Proibido Fumar, Esmola, Te Ver, Pacato Cidadão e O Beijo e a Reza. Os Raimundos lançavam seu álbum de estreia.

O Cidade Negra cantava Onde Você Mora, o Bon Jovi cantava Always, a Zélia Duncan cantava Catedral e tinha muito Kid Abelha, Soundgarden, Big Mountain, Madonna, Pretenders, Mariah Carey, Green Day, Pearl Jam, Roxette, R.E.M., Paralamas do Sucesso, Daniela, Mercury, Stone Temple, Pilots, Black Sabbath, Chico Science e Nação Zumbi e muitas outras coisas. O Chico Science tinha acabado de lançar o Da Lama ao Caos e o Brasil todo parecia estar em uma grande festa. O presidente da República na época era o Itamar Franco, ele era vice do Fernando Collor, que havia acabado de sofrer impeachment.

Na TV as novelas que bombavam era a regravação de A Viagem, Pátria Minha, Tropicaliente e Quatro por Quatro. Estreava na TV o Castelo Rá-Tim-Bum. A extinta TV Manchete estreava Cavaleiros do Zodíaco e começava a passar a primeira temporada de Friends.

Nesse ano, o Brasil se despediu de Ayrton Senna e do comediante Mussum. Tivemos a Copa do Mundo nos Estados Unidos e o Brasil virou tetracampeão em cima da Itália nos pênaltis, depois de um jejum de 24 anos. Eu tinha 19 anos e nunca tinha visto o Brasil ser campeão, então foi demais.

A minha vida nessa época era assim. Com 19 anos, eu estava no segundo ano da melhor faculdade de propaganda e marketing da América Latina.

Como eu trabalho desde os 16, eu estava muito agoniado de não poder trabalhar naquela época, porque os dois primeiros anos daquele curso eram no período da manhã, o que dificultava arrumar um emprego. Eu já havia trabalhado em uma videolocadora, que era como chamávamos a Netflix da época, por um bom tempo. Desde o colegial, eu já trabalhava e havia atuado como promotor de vendas em supermercado, vestido de ajudante da Mamãe Noel para uma empresa de vinhos, no ano anterior.

Mesmo assim, eu estava realmente, como eu falei, agoniado de não poder ganhar meu próprio dinheiro. Eu estava pagando a faculdade, na época, que era bem cara, com uma grana que eu havia juntado desses empregos que eu falei agora. Ah, eu também havia juntado um dinheiro traduzindo jogos de tabuleiro que vinham dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Meu pai era diretor de marketing de uma grande empresa de brinquedos, muito famosa, e ele havia me passado a função de tropicalizar esses jogos, regionalizar. A empresa trazia um protótipo da gringa e eu, com apenas 17 anos, criava a versão em português, com nomes e regras. Eu cheguei a traduzir também alguns RPGs.

Essa grana guardada, junto com o apoio dos meus pais, me ajudou a pagar a faculdade na época, parte dela pelo menos. Bom, eu estava no meu terceiro namoro longo, já fazia uns nove meses que eu estava com essa terceira namorada e eu também tocava em uma banda de rock.

Eu costumava passar as madrugadas escrevendo, mesmo entrando cedo na faculdade. Gostava de ficar na sala de casa, à noite, na mesa de jantar, escrevendo em muitos e muitos cadernos, enquanto assistia ao Corujão, da Rede Globo, durante a semana.

Eu morava no bairro do Ipiranga, em São Paulo, em um local chamado Vila Carioca. A faculdade ficava na Vila Mariana. Hoje, as ruas mudaram bastante, mas naquela época havia várias maneiras de realizar esse trajeto faculdade-casa.

Cheguei até a voltar de carona um tempo com um amigo, que na verdade era um belo de um mão de vaca, porque ele me fazia pagar a gasolina e ainda não me deixava em casa, me deixava longe. Eu não sei se a consciência dele pesou ou se ele queria mais dinheiro, mas ele mesmo inventou uma desculpa que teria que passar em outros lugares para cancelar a nossa parceria da carona.

Dependendo do caminho de volta, se eu passasse em outros lugares antes, acabava caindo na Avenida Domingos de Moraes, ainda meio distante da estação, o que me obrigava a andar um grande pedaço até a estação ou pegar um ônibus que fosse para lá. E que ônibus eu pegava? Bom, essa era a questão. Nesses dias em que eu me perdia caminhando para os lados da Domingos de Moraes, no sentido Avenida Paulista, eu ficava bem distante da estação. Apesar disso, eu sabia que qualquer linha de ônibus me levaria até ela, pois era uma linha reta quase sem cruzamentos.

Na estação Vila Mariana, o ônibus que eu tomava era um tal de Sacomã que me deixava na região de mesmo nome. Lá, eu tinha que caminhar até a minha casa ou pegar outro ônibus. Ou seja, era um prato cheio para eu ir observando as pessoas, os trajes, os gestos e as falas, o que alimentava a minha veia literária. Eu também aproveitava o longo caminho para ler, ouvir rádio ou o meu Discman, que era como a gente chamava o Spotify na época.

Então, durante a semana, eu saía da faculdade uma da tarde, mais ou menos, e aí dependendo dos meus compromissos, da pressa e do clima, se estava chovendo ou não, eu ia direto para a estação ou fazia o caminho mais longo. Esse caminho me levava para longe da estação e, como eu falei, eu podia pegar qualquer outro ônibus, o primeiro que passasse, pois todos levavam para um ponto da avenida onde eu facilmente chegava na estação. Não importava o nome, o número ou a cor do ônibus, todos iam até o ponto da avenida em que eu desembarcava para entrar na estação. Naquela tarde quente de outubro, após uma aula exaustiva de mercadologia, eu segui meu caminho costumeiro, mas em dado momento, para relaxar a cabeça, eu quis fazer a caminhada mais longa. Andei até a avenida, passei em algumas bancas de jornal, comprei uma revista Set, - sobre cinema – e alguns formatinhos da Marvel e, então, segui para o ponto de ônibus.

Lá, coloquei um CD no discman e eu acho que foi o Chico Science e Nação Zumbi. As pilhas do aparelho estavam fracas e a voz do Chico Science parecia demoníaca. Peguei um livro.

Naquela época, assim como hoje, eu lia demais. Sempre emendo um livro no outro, desde que eu me alfabetizei.

Pouquíssimo tempo de espera depois, o ônibus chegou. Hoje, eu posso dar certeza para vocês, que estranhamente havia mais pessoas no ponto, mas ninguém mais deu sinal para o veículo parar, somente eu. Ninguém embarcou comigo naquele ônibus, por que será?

Bom, embarquei sem olhar para nada, além dos degraus e das páginas do livro. Ninguém subiu comigo. Na época, embarcávamos por trás. Entrei e procurei um banco. Havia um espaço vazio do lado direito, ao lado de uma mulher que estava sentada no assento da janela. Fui até lá e me sentei. Segui lendo algumas linhas do livro por cerca de alguns minutos, até que eu senti, pela minha visão periférica, que aquela mulher estava me olhando.

Sabe quando você percebe os olhos de alguém te queimando? Antes que eu tomasse qualquer providência, ela me cutucou, chamando a minha atenção. Eu parei de ler, fechei meu livro e olhei para ela, eu me lembro como se fosse hoje, era uma mulher baixa, morena, cabelos escuros, um pouco acima do peso, com feição muito séria.

Ela me perguntou:

- Você não vai para Setealém, vai?

Eu apertei os meus olhos, tentando entender o que ela tinha dito, teria sido Santarém? Ela notou a minha confusão e insistiu:

- Esse ônibus vai para Setealém, garoto, é melhor você descer!

Eu ia perguntar para ela e ela falou novamente:

- Desce, garoto!



Sorri para ela. O nome “Setealém” havia ficado claro na minha cabeça, como se uma luz se acendesse. Olhei para todos os lados e todos, absolutamente todo mundo do ônibus estava me olhando. Todos sérios. Uma outra mulher, em pé, um pouco mais à frente, falou:

- É moço, vai e desce.

Eu hesitei, pensei em me levantar e descer, mas estava confuso. Nisso, um rapaz com uma pasta na mão, em pé, perto da outra mulher, foi mais agressivo, ele falou em tom de ameaça:

- Desce aí, mano, desce agora!

Antes que eu perguntasse o que estava acontecendo, o cobrador do ônibus, que também me olhava, gritou assim para o motorista:

- Vai desceceer!

Nesse momento, o ônibus parou na hora. Ali não era exatamente um ponto, mas eu não me importei. Com todo mundo me olhando e me mandando descer, eu nem quis saber. Fui em direção à porta que já estava aberta. As pessoas no corredor foram abrindo o caminho, eu passei e elas ficaram me olhando, me acompanhando com o olhar. Eu me lembro que elas eram bem estranhas.

E foi então que eu desci do ônibus e me vi próximo à estação. O ônibus virou à direita, em uma rua que geralmente nenhum ônibus entrava. Foi um trajeto incomum. Enquanto seguia e virava, eu juro para vocês, os passageiros me observavam e cochichavam entre si.

Dezenas de pensamentos me ocorreram naquele instante. Será que eu tinha entrado num ônibus particular? Não podia ser. Havia um cobrador, afinal de contas.

Teriam me confundido com alguém? Será que o ônibus seguia para alguma empresa ou alguma reunião? Eu nunca soube. Voltei para casa meio febril naquele dia, não parava de pensar no acontecimento e na palavra Setealém, Setealém. Seria um bairro, uma cidade? Falei com meu pai e com minha namorada. Chegamos a olhar no guia de ruas, que era como a gente chamava o Waze no século passado, mas não achamos nada. Ninguém nunca soube me dizer o que aquele nome significava.

Naquele mesmo ano, passei a usar a palavra Setealém em minhas coisas pessoais. Assim eu podia, de repente, fazer alguma conexão ou descobrir alguém que soubesse o significado da palavra. Então, na própria década de 1990, eu tive uma banda chamada Setealém.

Criei um personagem estilo super-herói chamado Setealém. Cheguei até a batizar um animal de estimação de um amigo de Setealém. Falei essa palavra Setealém para muitos amigos e inventei histórias espaciais chamadas Setealém.

Quase tatuei a palavra em mim. Em 2004, com a febre da rede social Orkut, eu, que já usava como nickname a palavra Setealém em alguns bate-papos, decidi criar uma comunidade chamada Setealém. O mais engraçado é que nem cheguei a escrever a descrição na comunidade.

Eu apenas coloquei o nome ali para ver se isso traria respostas e se o meu delírio faria algum sentido. Claro, rapidamente, os meus amigos e parentes que me conheciam, sabendo o quanto eu falava essa palavra para eles, entraram na comunidade, mas não colaboraram muito. Semanas depois, pessoas dos mais distantes pontos do país começaram a ingressar nessa comunidade me perguntando o significado da palavra.

Muitas, ao mesmo tempo em que me perguntavam, também relatavam suas experiências incríveis, que, de maneira geral, se pareciam muito com a minha experiência. E a cada nova experiência, um relato interessante surgia. Com o passar do tempo, o objetivo principal da comunidade foi se desvirtuando. E acabou virando um fórum de histórias genéricas de terror e ficção. Como eu já tinha copiado cada um dos relatos, apaguei a comunidade para cuidar de assuntos de gente grande.

Durante todos os anos, pelo menos duas ou três vezes por mês, eu sonho com Setealém até hoje.

Nunca relatei nenhum dos meus sonhos, porque eu dou preferência ao relato de quem me manda, mas meus sonhos sempre foram assustadores e reveladores. Os relatos mais conhecidos de Setealém foram contados por mim, vindos dessa comunidade.

Veza ou outra, encontro esses relatos que eu recebi e contei sendo contado por outras pessoas que, inclusive, mudam algumas coisas na história.

Eu já vi gente contando o meu relato do ônibus como se tivesse acontecido com elas ou com um amigo delas. Em breve, eu vou contar algum desses relatos clássicos também.

Em 2015, eu estava entediado no trabalho e vi uma postagem no BuzzFeed que se chamava “9 histórias que vão fazer você acreditar em um universo paralelo”.

Eu li as histórias, já muito conhecidas como Creepypastas da Internet e decidi deixar um simples comentário de um parágrafo, de cinco linhas, contando esse meu relato do ônibus.

Inexplicavelmente comecei a receber centenas de notificações de pessoas de todo o Brasil e fora dele comentando sobre esse meu relato, elogiando, dizendo que já ouviu falar em Setealém ou até contando um novo relato.

Foi então que uma moça me chamou e disse que havia criado um grupo no Facebook para centralizarmos os relatos.

Ela me colocou como administrador. Estranhamente, dias depois, ela começou a me tratar mal, ser grosseira, deu a entender que o namorado dela ou algum relacionamento dela, não estava gostando da comunidade. Então, numa madrugada, sorratamente, ela me tirou da administração do grupo e saiu da administração. Além disso, ela me bloqueou no WhatsApp e no Facebook.

Como eu sempre acordo às quatro da manhã, naquele dia, inesperadamente, algo me disse para checar o grupo. Eu fui ver e estava sem administrador. Qualquer um que clicasse ali podia assumir a administração.

Rapidamente, consegui solicitar para eu ser o administrador e tentei contato com a moça de todas as maneiras para entender o que havia ocorrido. Como eu sou insistente e, até certo ponto, ninja, mesmo ela me bloqueando em tudo, eu consegui falar com ela e a questioneei. Ela disse que também não sabia, dando a entender que alguém ligado a ela, mas não ela, tinha feito aquilo.

Eu não acreditei e, assim, interrompemos a amizade. Nem sei mais nada sobre ela, mas acredito que ela esteja muito arrependida. Com o passar do tempo, eu aprendi muitas coisas sobre Setealém, universos paralelos, multiversos, realidades alternativas, efeito Mandela, falhas na Matrix e assuntos desse tipo.

Encontrei e encontro muitos inimigos pelo caminho. Dizem que Setealém é um assunto que vai e volta na história da humanidade e que a palavra sempre é esquecida para depois ser lembrada por algum indivíduo específico. Não sei se é verdade.

Sei que muitos problemas inexplicáveis atuam para esse canal não crescer, o grupo de Facebook não aumentar, a página oficial de Setealém não ganhar inscritos, o grupo e o canal de Telegram não crescerem. Até o TikTok é barrado, estranhamente. Já recebemos ameaças, já fomos hackeados, roubados, bloqueados, copiados, clonados, ridicularizados, plagiados e desacreditados.

Eu já recebi proposta para parar de falar, para dizer que é tudo um golpe de marketing, que Setealém tem ligação com magia negra, alquimia, ocultismo, PNL, Opus Dei, TFP, Terça Livre, Pirâmide, Fórum de São Paulo e torcida organizada do Ibis.

Já apareceram agências de publicidade, hamburgueria, banda, música, cineastas amadores, escritores amadores, quadrinistas amadores, esquimós, cornos, alienígenas, tarados, swingueiros, stalkers, Maria Sete Além, ex-BBB, proposta de harmonização facial, bichectomia, homens de preto e vendedores de enciclopédia tentando influenciar no nosso trabalho ou até acabar com ele, mas o importante é que estamos aqui juntos e seguiremos firmes. Eu agradeço muito por você que está aqui comigo desde a época do Orkut e também a você que chegou agora.

Muito obrigado. Vamos, juntos, espalhar a palavra.

Luciano Milici



COMPRA A SUA REVISTA SETEALÉM



CADA UMA CONTÉM
10 RELATOS
ILUSTRADOS, ARTE DO
LEITOR, DE 65 A 106



PÁGINAS, LINKS
PARA VÍDEOS
SECRETOS E MUITO
MAIS!



COMPRA AQUI

OUTROS LINKS PARA VOCÊ TRAZER O HORROR DE VOLTA

+RELATOS EM VÍDEO

<https://youtube.com/@setealem>



+RELATOS EM ÁUDIO

<https://open.spotify.com/show/4SkP4V4W4J1wQKZtPKHuGy>



+RELATOS EM TEXTO

<https://www.setealem.com.br/relatos>



ENVIE SEU RELATO

<https://forms.gle/ptvWhccEgcDBFPtp8>



REVISTAS

<https://www.setealem.com.br/revista-setealem>



APOIE SETEALÉM

<https://www.apoia.se/setealem>



LOJA

<https://www.setealem.com.br/>



LINKS

<https://flow.page/setealem>



luciano@setealem.com.br



(11) 93962-8415

SETEALÉM

A GENTE TROUXE O HORROR DE VOLTA

WWW.SETEALEM.COM.BR